

O nadador
de Cap-Martin
e outros contos
de arquitetura

El nadador
de Cap-Martin
y otros cuentos
de arquitectura

Fernando Carrascal Calle

Prólogo
Carmen Díez Medina

Índice

10	Prólogo <i>A arte de escrever contos: outra forma de amar a arquitetura</i> Carmen Díez Medina
22	Introdução <i>Mi homenaje a la soledad</i>
28	Primeiro conto: Frank Lloyd Wright <i>Cinco horas no comboio para Taliesin</i>
146	Segundo conto: Adolf Loos <i>O quarto da minha esposa</i>
180	Terceiro conto: Le Corbusier <i>O nadador de Cap-Martin</i>
246	Apêndices Referencias bibliográficas Créditos das imagens Nota biográfica do autor

Índice

9	Prólogo <i>El arte de escribir cuentos: otra manera de amar la arquitectura</i> Carmen Díez Medina
21	Introducción <i>Mi homenaje a la soledad</i>
29	Cuento primero: Frank Lloyd Wright <i>Cinco horas en tren hacia Taliesin</i>
147	Cuento segundo: Adolf Loos <i>El dormitorio de mi esposa</i>
181	Cuento tercero: Le Corbusier <i>El nadador de Cap-Martin</i>
246	Apéndices Referencias bibliográficas Créditos de las imágenes Nota biográfica del autor

Mi homenaje a la soledad

Con el fallecimiento de Le Corbusier se inician los caminos de esta investigación. La arquitectura y los hitos biográficos se identifican e interactúan haciéndose préstamos mutuos. Se analiza la influencia de la vida y, en concreto, de la soledad en las obras arquitectónicas.

Muchas veces, durante la elaboración de *El nadador de Cap-Martin*, con origen en mi tesis doctoral, ha estado presente el recuerdo de una novela corta —que escribí durante los meses finales del último curso de Arquitectura a la vuelta del viaje de fin de carrera— titulada *La boda*. En la trama, el protagonista se casaba consigo mismo, y en el epígrafe dejé escrita la frase que ahora recojo: «Mi homenaje a la soledad».

La novela fue editada en 1976 por el Servicio de Publicaciones de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Sevilla, con doscientos ejemplares. Según información posterior del representante de Prensa del Rectorado, aquella novela fue el primer libro publicado por esta universidad de temas no relacionados con trabajos de investigación o tesis doctorales.

A minha homenagem à solidão

Com o falecimento de Le Corbusier iniciaram-se os caminhos desta investigação. A arquitetura e os eventos biográficos identificam-se e interagem com cedências mútuas. Analisa-se a influência da vida e, em concreto, da solidão nas obras arquitetónicas.

Muitas vezes, durante a elaboração de *O Nadador de Cap-Martin*, que nasceu da minha tese de doutoramento, esteve presente a recordação de um curto romance —que escrevi durante os últimos meses do último ano de Arquitetura após o regresso da viagem de finalistas— intitulada *O Casamento*. Na trama, o protagonista casa-se consigo mesmo, e na epígrafe deixei escrita a frase que agora relembro: «A minha homenagem à solidão».

O romance foi publicado em 1976 pelo Serviço de Publicações da Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade de Sevilha, numa edição de duzentos exemplares. Segundo a informação que me foi dada posteriormente pelo representante da Imprensa da Reitoria, aquele romance foi o primeiro livro publicado por esta universidade sobre temas não relacionados com trabalhos de investigação ou teses de doutoramento.

Frank Lloyd Wright (1867-1959), Adolf Loos (1870-1933) y Le Corbusier (1887-1965) estuvieron solos en momentos importantes de sus vidas. Wright, mientras enterraba-abrazaba a Mamah Bouton Borthwick después del incendio provocado en 1914 en Taliesin I, que había construido para ellos; Loos, por su compleja personalidad, en los momentos previos a enseñarle a Carolina Catharina Obertimpfler (Lina Loos) *El dormitorio de mi esposa*, que diseñó para ella en 1903, y Le Corbusier, durante los instantes de su ahogamiento en Cap-Martin en 1965 —bajó solo al mar desde El Cabanon; su mujer, Yvonne Gallis, que solía acompañarlo, había fallecido algunos años antes—.

En todos los capítulos de este libro está presente la figura de la mujer, como esposa, escritora, arquitecta o diseñadora, a veces silenciada por los autores para evitar sombras. Por ejemplo, la arquitecta estadounidense Marion Mahony Griffin en el caso de Wright o la arquitecta y diseñadora Charlotte Perriand que «prestó» sus proyectos a Le Corbusier.

Todo comenzó con la «turbiedad en la fotografía» lograda en tomas realizadas durante un viaje de estudios con el alumnado de la Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Sevilla en 2006 para visitar las obras arquitectónicas de Le Corbusier, sobre todo las de carácter religioso o litúrgico, como la capilla Ronchamp, el monasterio de La Tourette y la iglesia de Firminy-Vert. Esas arquitecturas fotografiadas sin empleo de trípode, en situaciones imposibles de luz, quedaron registradas como si fueran vistas a través de una lámina de agua. Tal vez fuera lo que le podría haber ocurrido a Le Corbusier en el momento del ahogamiento al recordar su obra sin la nitidez de la cordura.

La creación desde la desaparición surge tras la lectura de la autobiografía de Wright, del momento del enterramiento de Mamah Bouton Borthwick después del incendio de Taliesin. La destrucción de su obra es seguida por su destrucción personal cuando Wright cubre el cuerpo de ella, tras pedir a su hijo John y a los otros asistentes que lo dejen solo en ese momento. Pensé que aquella cubrición era un acto espiritual de comunión de ambos: la vida y la muerte.

Con respecto a la visión desenfocada del dormitorio, la intención de escribir sobre *El dormitorio de mi esposa*, de Loos, nace en mi época de estudiante. La única fotografía que se reproducía entonces, envejecida hasta el punto casi de igualarse al desenfoque de las de Le Corbusier, planteaba una incógnita,

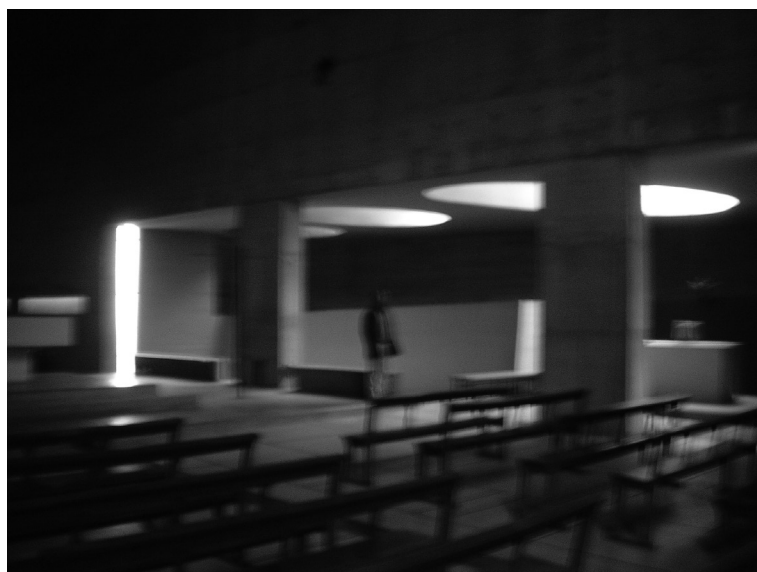
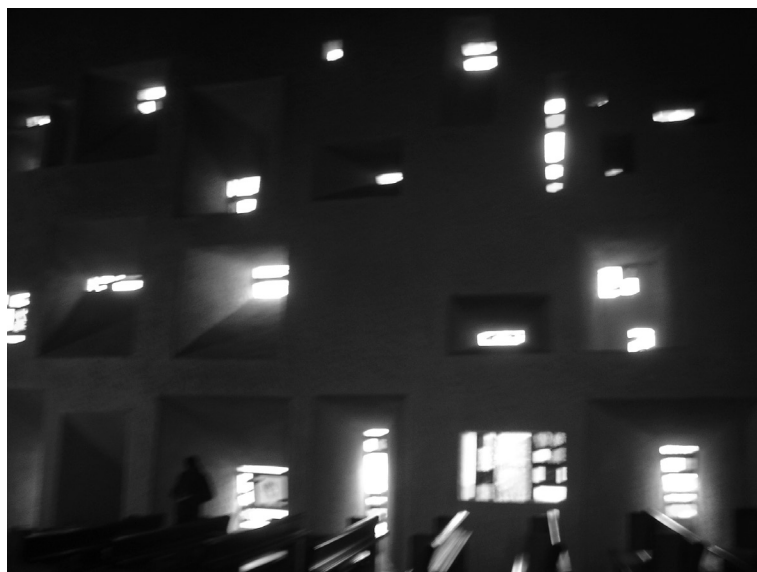
Frank Lloyd Wright (1867-1959), Adolf Loos (1870-1933) e Le Corbusier (1887-1965) estiveram sozinhos em momentos importantes das suas vidas. Wright, enquanto enterrava/abraçava Mamah Bouton Borthwick depois do incêndio provocado em 1914 em Taliesin I, que ele havia construído para eles; Loos, pela sua complexa personalidade, momentos antes de mostrar a Carolina Catharina Obertimpfler (Lina Loos) *O quarto da minha esposa*, que desenhou especificamente para ela em 1903, e Le Corbusier, nos instantes do seu afogamento em Cap-Martin em 1965 —desceu sozinho até ao mar saindo de *Le Cabanon*; a sua esposa, Yvonne Gallis, que costumava acompanhá-lo, tinha falecido alguns anos antes.

Em todos os capítulos deste livro está presente a figura da mulher, como esposa, escritora, arquiteta ou designer, às vezes silenciada pelos autores para evitar sombras. Por exemplo, a arquiteta norte-americana Marion Mahony Griffin no caso de Wright ou a arquiteta e designer Charlotte Perriand que “emprestou” os seus projetos a Le Corbusier.

Tudo começou com a “turvação na fotografia” conseguida em instantâneas feitas durante uma viagem de estudo com alunos da Escola Técnica Superior de Arquitetura de Sevilha em 2006 para visitar as obras arquitetónicas de Le Corbusier, nomeadamente, as de carácter religioso ou litúrgico, como a capela de Ronchamp, o mosteiro de La Tourette e a igreja de Firminy-Vert. Aquelas arquiteturas fotografadas sem o uso de tripé, em situações impossíveis de luz, ficaram registadas como se fossem vistas através de um lençol d’água. Talvez tenha sido isso o que aconteceu a Le Corbusier no momento do afogamento ao relembrar a sua obra sem a nitidez do juízo.

A criação a partir do desaparecimento surge após a leitura da autobiografia de Wright, do momento do enterro de Mamah Bouton Borthwick após o incêndio de Taliesin. A destruição da sua obra é seguida pela sua destruição pessoal quando Wright cobre o corpo dela, depois de pedir ao seu filho John e a outros presentes que o deixassem sozinho naquele momento. Achei que aquele gesto de cobrimento era um ato espiritual de comunhão entre ambos: a vida e a morte.

No que diz respeito à visão desfocada do quarto, a intenção de escrever sobre *O Quarto da minha Esposa*, de Loos, nasce na minha época de estudante. A única fotografia reproduzida na então, envelhecida a ponto de quase igualar o desfoque das de



Le Corbusier. **a.** Capela de Ronchamp, 1950-1954.
Luz do interior. **b.** Convento de La Tourette,
1957-1960. Interior da capela.

Le Corbusier. **a.** Capilla de Ronchamp, 1950-1954.
La luz en el interior. **b.** Convento de La Tourette,
1957-1960. Interior de la capilla.

Le Corbusier, colocava uma questão, pois nada tinha a ver com o resto do apartamento e, em geral, com a obra deste arquiteto. Aquela fotografia, desfocada, a preto e branco, não era capaz de mostrar a cor que só a literatura consegue descrever. Naquela tenra idade, comecei a entender que a arquitetura precisa da literatura.

Arquitetura, literatura, fotografia, pintura, música, unidas pela poesia de Konstantinos Kavafis, Walt Whitman e Luis Cernuda, e parágrafos do jovem Werther de Goethe. Enquanto este livro era escrito, música tocava; Bach no caso de Wright —nas suas casas havia sempre um piano de cauda no qual este o interpretava—, *A Noite Transfigurada* de Arnold Schönberg com Loos —eram amigos e ele compô-la alguns meses antes do seu casamento com Lina—, e *Metastasis* do compositor Ianis Xenakis, coautor de La Tourette. É uma investigação que pretende encontrar outros caminhos explorando o perímetro. «Ver o que não se vê, tudo o que não está no centro e só pode ser lido na espessura de uma página escrita, onde pouco cabe». ⁴ Pois «a imaginação começa onde a ciência e a filosofia não chegam». ⁵ «Procurou-se alcançar o desenvolvimento de facetas do conhecimento arquitetónico a partir da prática literária». ⁶

Com estas três contos não acaba tudo; há muitos outros que aguardam nesta história de solidões. Porque também Louis I. Kahn estava só quando morreu na casa de banho da Penn Station de Nova Iorque, e assim continuou durante os três dias em que ninguém reclamou o seu corpo. Estava de regresso sozinho de Dhaka, onde acabavam de começar as obras do edifício da Assembleia Nacional de Bangladesh. Só também se sentiu Jørn Utzon quando, depois de ter ganho o primeiro prémio no concurso de ideias de 1956 para a Ópera de Sydney —cuja inauguração final foi em 1973—, abandonou as obras em 1966. Assim como se sentia sozinho Gerrit Thomas Rietveld nos momentos da sua morte na casa Schröder-Rietveld (Utrecht, 1924), para onde tinha ido morar, após a morte da sua esposa, com a sua companheira e proprietária, a arquiteta Truus Schröder-Schräder, que o ajudara a equipar a casa com um rigor mais coerente com os princípios do grupo De Stijl. Prostrado na sua cama, observando as plantas e volumes verticais e horizontais, painéis móveis que o faziam mudar a realidade do seu estado, pensava que a morte era clássica e que a modernidade era a vida. Seria ali dentro que viveria.

4. Antonio González Cordón, orientador da tese.

5. Comentário, sem publicar, da escritora Reyes García-Doncel.

6. Víctor Pérez Escolano, director da tese.

ya que no se correspondía con el resto del apartamento y, en general, con la obra de este arquitecto. Aquella fotografía, desenfocada en blanco y negro, no era capaz de enseñar el color que solo la literatura sabe describir. En aquella temprana edad empecé a entender que la arquitectura necesita de la literatura.

Arquitectura, literatura, fotografía, pintura, música, hilvanadas por la poesía de Konstantinos Kavafis, Walt Whitman y Luis Cernuda, y párrafos del joven Werther de Goethe. Mientras se escribía este libro sonaba la música; Bach en el caso de Wright —en sus casas siempre había un piano de cola donde lo interpretaba—, *Noche transfigurada* de Arnold Schönberg en Loos —eran amigos y la compuso pocos meses antes de su boda con Lina—, y *Metástasis* del compositor Ianis Xenaquis, coautor de La Tourette. Es una investigación que quiere encontrar otros caminos buscando en lo perimetral. «Ver lo que no se ve, todo lo que no está en el centro y solo se puede leer en el canto de una hoja escrita, donde cabe poco».⁴ Pues «la imaginación comienza donde no llegan la ciencia y la filosofía».⁵ «Se ha buscado lograr el desarrollo de facetas del conocimiento arquitectónico a partir de la práctica literaria».⁶

Con estos tres cuentos no termina todo; son otros muchos los que están a la espera en esta historia de soledades. Porque también estuvo solo Louis I. Kahn cuando murió en los aseos de Penn Station de Nueva York, y así siguió durante los tres días en los que nadie reclamó su cuerpo. Regresaba solo de Daca, donde acababan de comenzar las obras del edificio para la Asamblea Nacional de Bangladés. Solo, también, se sintió Jørn Utzon, cuando, después de haber obtenido en 1956 el primer premio en el concurso de ideas para la Ópera de Sídney —cuya inauguración definitiva fue en 1973—, abandonó las obras en 1966. Igual que solo se sentía Gerrit Thomas Rietveld en los instantes de su muerte en la casa Schröder-Rietveld (Utrecht, 1924), donde se había ido a vivir, tras la defunción de su mujer, con su compañera y propietaria, la arquitecta Truus Schröder-Schräder, que lo había ayudado a equipar la casa con un rigor más conforme a los principios del grupo De Stijl. Postrado en su cama, observando los planos y volúmenes verticales y horizontales, paneles móviles que le hacían cambiar la realidad de su estado, pensaba que la muerte era clásica y que la modernidad era la vida. Allí dentro viviría.

3. Antonio González Córdón, tutor de la tesis.

4. Comentario, sin publicar, de la escritora Reyes García-Doncel.

5. Víctor Pérez Escolano, director de la tesis.